



SARAH MACLEAN

ELA É A RAINHA DO SUBMUNDO LONDRINO.
MAS NINGUÉM PODE DESCOBRIR...
ELE É O ÚNICO QUE PODE PÔR TUDO EM RISCO.
INCLUINDO O CORAÇÃO DELA.

UM ANJO CAÍDO

TOP
SEL
LER

AUTORA VENCEDORA DO PRÊMIO RITA
~ MELHOR ROMANCE HISTÓRICO ~

*Para Carrie Ryan, Sabrina Darby e Sophie Jordan,
que desde o princípio guardaram os segredos de Chase.*

*Para Baxter,
que guarda todos os meus segredos.*

*E para Lady V,
que espero que cresça
e tenha incríveis segredos só seus.*

Chase

Março de 1823
Leighton Castle
Basildon, Essex

— **A**mo-te.
Duas palavras estranhas e simples que possuíam um incrível poder.

Não que Lady Georgiana Pearson — filha de um duque e irmã de outro, com um elevado sentido de honra, e do dever, com uma apresentação impecável, senhora de sociedade excepcionalmente educada — não as tivesse ouvido ao longo da sua vida.

Os aristocratas não amavam.

E se amavam, não recorriam a algo tão vulgar como confessá-lo.

Assim, foi certamente uma surpresa, que aquelas palavras saíssem dos seus lábios com tanta facilidade e franqueza. Mas, ao longo dos seus 16 anos de vida, Georgiana nunca pensara sentir tanto prazer aos desfazer-se dos grilhões que acompanhavam o seu nome, o seu passado e a sua família. Para dizer a verdade, abraçou com rapidez o risco e a recompensa, encantada por, finalmente, poder sentir. Viver. Ser ela mesma.

Que se danasse o risco; aquilo era *amor*.

E libertara-a.

Tinha a certeza de que não podia existir um momento tão belo como aquele; estar nos braços do homem que amava e com quem passaria toda a sua vida. Ou ainda mais. Aquele com quem construiria o seu futuro, abandonando pelo caminho o seu nome, a sua família e a sua reputação.

Jonathan protegê-la-ia. Dissera-lho enquanto a abrigava do frio vento de março e a conduzira ali, aos estábulos da propriedade familiar.

Jonathan amá-la-ia.

Ele sussurrara-lhe as palavras enquanto as suas mãos desabotoavam, despiam e tudo prometiam com as suas suaves carícias.

E ela respondera-lhe, oferecendo-se por completo.

Jonathan.

Ela suspirou o seu prazer às traves do teto, aninhando-se nele, amortecida por músculos esguios e a áspera palha, e coberta por uma quente manta de cavalos que deveria ser áspera e incômoda, mas que afinal se tornara suave, sem dúvida pelos prazeres que acabara de presenciar.

Amor. O tema de sonetos, madrigais, contos de fadas e romances.

Amor. Uma emoção difícil de desfrutar que fazia com que os homens chorassem, cantassem e sofressem de desejo e paixão.

Amor. Aquele sentimento que alterava a vida e a tornava brilhante, quente e maravilhosa. A emoção que todos se desesperavam por descobrir.

E ela encontrara-o. Ali. Naquele gélido inverno, no abraço daquele magnífico rapaz. Não. Homem. Era um homem tal como ela era uma mulher, em que hoje se convertera, nos seus braços, contra o seu corpo.

Um dos cavalos do estábulo lá em baixo relinchou suavemente e bateu com as patas no chão, resfolegando por comida, água ou carinho.

Jonathan moveu-se debaixo dela, que se agarrou a ele ao mesmo tempo que puxava pela manta para a colocar à sua volta.

— Ainda não.

— Tenho de ir. Tenho obrigações.

— Mas eu preciso de ti — rematou ela, tentando seduzi-lo.

Ele pôs-lhe a mão no ombro nu, quente e áspera contra a sua pele suave, e fê-la estremecer. Era raro alguém tocar-lhe — filha de um duque e irmã de outro. Era inocente. Impoluta. Intocável.

Até àquele momento.

Sorriu ao pensar nisso. A mãe teria um ataque ao saber que a filha não tinha intenção de ser apresentada à sociedade. E quando o irmão — o Duque Desdenhoso —, o mais aristocrata dos aristocratas de Londres, soubesse... não aprovaria.

Mas Georgiana não se importava. Seria a Senhora Jonathan Tavish, nem sequer conservaria o «Lady» a que tinha direito. Não queria. Só o queria a ele.

Não se importava que o irmão fosse fazer todos os possíveis para impedir o casamento. Já não conseguiria.

Depois de casa roubada trancas à porta.

Mas Georgiana não estava exatamente em casa.

Riu-se da ideia, entontecida pelo amor e pelo risco — as duas faces da mesma moeda que acabava por ser muito gratificante.

Jonathan moveu-se por baixo dela, deslizando para fora do cálido casulo dos seus corpos, fazendo com que o ar frio do inverno lhe arrepiasse a pele nua.

— Tens de te vestir — disse-lhe ele, pegando nas calças. — Se alguém nos apanha...

Não era preciso terminar a frase, andava a dizê-la há semanas desde a primeira vez que se beijaram e em todos os momentos que roubaram depois. Se alguém os apanhasse, açoitá-lo-iam ou algo muito pior.

E ela ficaria desonrada.

Mas naquele momento, depois do que acabara de acontecer, depois de se terem deitado nus no áspero feno do inverno, de o deixar explorá-la, tocá-la e acariciá-la com as suas mãos, calosas do trabalho... já estava desonrada. E ela não se importava. Já nada importava.

Depois daquilo, fugiriam — teriam de o fazer para poderem casar. Iriam para a Escócia. Começariam uma nova vida. Ela tinha dinheiro de sobra.

Não se importava que ele não tivesse nada.

Amavam-se e isso era suficiente.

Ser membro da aristocracia não era coisa que se pudesse invejar; era, isso sim, digno de lástima. Sem amor, para quê viver?

Ela suspirou e olhou para Jonathan durante algum tempo, maravilhada pela graciosidade com que ele vestia a camisa e a metia para dentro das calças, pela forma como puxava as botas para cima, como se o tivesse feito milhares de vezes naquele espaço de teto tão baixo. Viu-o enrolar o lenço no pescoço e meter os braços nas mangas da jaqueta, antes de vestir o casaco. Os seus movimentos eram suaves e precisos.

Quando terminou, Jonathan voltou-se para a escada que conduzia aos estúbulos do andar de baixo, musculoso e de ossos largos.

Ela puxou a manta tentando fazer desaparecer a sensação de frio que a partida dele lhe deixava.

— Jonathan — chamou suavemente, sem querer que ninguém a ouvisse.

Ele olhou-a e ela viu algo no seu olhar azul: algo que não identificou de imediato.

— O que é?

Georgiana sorriu, subitamente tímida. O que devia ser impossível tendo em conta o que tinham acabado de fazer. O que ele acabara de ver.

— Amo-te — repetiu uma vez mais, maravilhada pelo modo como as palavras lhe saíam dos lábios, pela forma como o som a envolvia, verdadeiro, belo e bom.

Ele vacilou no cimo da escada, equilibrando-se sobre os degraus com tão pouco esforço que parecia pairar no ar. Jonathan nada disse durante algum tempo: o tempo suficiente para que ela sentisse nos ossos o frio de março. O tempo suficiente para que a percorresse um fio de inquietação.

Por fim, ele esboçou aquele sorriso ousado e impudente que, desde o princípio, tanto a atraía. Todos os dias durante um ano inteiro, ou mais tempo, talvez. Até àquela tarde quando por fim a tentou a subir ao sótão e a beijou afastando-lhe a hesitação. Até que lhe prometeu a Lua e tomou tudo o que ela lhe podia oferecer.

Mas não o tinha tomado.

Fora ela a entregar-lho. De livre vontade.

Afinal ela amava-o. E ele amava-a.

Dissera-lho. Talvez não com palavras, mas com carícias.

Ou não?

A dúvida trespassou-a com outra emoção desconhecida. Algo que Lady Georgiana Pearson — filha de um duque e irmã de outro — nunca antes sentira.

Diz, desejou. Diz-mo.

— És uma rapariga muito doce — disse ele após um interminável momento.

E perdeu-o de vista.

Capítulo 1



Dez anos depois
Worthington House
Londres

Quando reviu os acontecimentos ocorridos no seu vigésimo sétimo ano de vida, Georgiana Pearson teve a certeza de que tudo começara com a caricatura.

Aquele maldito desenho.

Se tivesse aparecido no *The Scandal Sheet* um ano antes, ou cinco anos antes, ou seis anos depois, não se teria importado. Mas fora publicado no mais famoso jornal de mexericos de Londres precisamente no dia 15 de março.

O que a avisava para se acautelar com os Idos de Março.

Com certeza que a caricatura fora certamente o resultado de outra data. Dois meses antes, a dia 15 de janeiro, o dia em que Georgina, completamente desonrada e escândalo ambulante, mãe solteira, irmã do Duque de Leighton, decidira tomar as rédeas da sua vida e voltar a aparecer em sociedade.

E ali estava ela, num recanto do salão de baile de Worthington House, no momento auge do seu regresso à vida social, com plena consciência de que todos os olhos de Londres estavam postos nela.

E que a julgavam.

Não era o primeiro baile a que assistia depois de desonrada, mas sim o primeiro em que toda a gente a via — o primeiro em que não levava máscara, fosse de pano ou pintada. O primeiro em que era Georgiana Pearson, um diamante em bruto, pulverizado por um escândalo.

E a primeira vez que estava presente para ser publicamente humilhada.

Evidentemente que Georgiana não se importava com essa desonra. Com efeito, defendia a todo o custo esse estado por inúmeras razões. A não menos importante das quais era que, uma vez desonrada, já ninguém esperava que uma dama se comportasse de maneira adequada.

Lady Georgiana Pearson — apesar de não reclamar o título e mal o merecer — havia muitos anos que estava encantada com a sua desonra. Afinal, isso tornara-a rica e poderosa, convertera-a em proprietária d'O Anjo Caído, o mais escandaloso e popular clube de jogo de Londres, e a pessoa mais temida da Grã-Bretanha... o misterioso «cavalheiro» conhecido apenas por Chase.

E não tinha a mínima importância ser mulher.

Assim, Georgiana pensava que o céu lhe sorrisse, uma década atrás, naquele dia em que o seu destino se forjara. Ver-se afastada da sociedade — para o bem ou para o mal — significara uma ausência de convites para bailes, chás, piqueniques e acontecimentos semelhantes, o que, por sua vez, eliminara a necessidade da presença de exércitos de damas de companhia e conversas insípidas regadas com limonada morna. Nem se vira obrigada a mostrar interesse pela Santíssima Trindade dos temas que preocupavam as mulheres da aristocracia: mexericos sem sentido, moda e solteiros elegíveis.

Os mexericos pouco lhe interessavam, já que raras vezes eram verdadeiros e nunca continham toda a verdade. Preferia os segredos oferecidos pelos homens poderosos, que tinham escândalos para comerciar.

Também não sentia grande inclinação pela moda. As saias eram muitas vezes consideradas um sinal de fraqueza feminina, que relegava as damas a fazerem pouco mais do que alisá-las e as fêmeas menos requintadas a pouco mais do que levantá-las. Quando pisava o clube de jogo, escondia-se à vista de todos atrás de sedas de cores vivas, próprias das prostitutas mais hábeis de Londres. Porém, noutros sítios, preferia a liberdade outorgada pelas calças.

E não se interessava pelos solteiros elegíveis. Tanto lhe fazia que fossem bonitos, inteligentes ou com um título, se não possuísem dinheiro para perder no clube. Durante anos rira-se dos cavalheiros marcados pelas mulheres londrinas para o mercado matrimonial; os nomes deles apareciam nos livros de apostas d'O Anjo Caído — especulava-se sobre quem seriam as suas futuras esposas, quando

se celebrariam os casamentos ou para quando estavam previstos os herdeiros. Da sala privada dos proprietários do clube vira como os mais variados solteiros da cidade — cada um mais bonito, rico e bem-educado que o anterior — eram pescados, algemados e desposados.

Agradecia ao criador não se ter visto obrigada a passar por essa farsa idiota, a namoriscar e, por fim, a casar.

Não, Georgiana vira-se desonrada com a tenra idade de 16 anos e havia uma década que era o exemplo com as joias da sociedade que eram advertidas dos perigos. Aprendeu cedo uma grande lição sobre os homens e, dava-se por feliz, por ter escapado à expectativa de ser levada ao altar.

Até agora.

Os leques agitavam-se para ocultar os sussurros, esconder sorrisos e risinhos abafados. Os olhares passeavam-se por ela fingindo não a ver, mesmo quando a fitavam, censurando-a pelo seu passado. Pela sua presença. E, sem dúvida, pelo seu descaramento. Por se ter atrevido a manchar com um escândalo aquele mundo impoluto.

Aqueles olhos julgavam-na e, se pudessem, matá-la-iam.

Sabiam porque é que estava ali e desprezavam-na por isso.

Meu Deus! Isto era uma tortura.

Começara com o vestido. O espartilho matava-a aos poucos. As camadas de saíotes restringiam-lhe os movimentos. Se se visse obrigada a fugir, sem dúvida tropeçaria neles, cairia de nariz no chão e seria engolida por uma horda de cacarejos de damas aristocratas envoltas em rendas.

A imagem ocupou-lhe a mente de maneira inesperada e quase sorriu. Quase. A possibilidade de que tal coisa acontecesse fez com que essa expressão estivesse a ponto de surgir.

Nunca na sua vida sentira tamanha inquietação, mas não lhes daria o prazer de se permitir a ser a presa delas. Concentrar-se-ia na tarefa em que estava ocupada.

Um marido.

O seu objetivo era Lorde Fitzwilliam Langley — um homem honrado, com título, necessitado de fundos e de proteção. Um homem que quase não tinha segredos a guardar, apenas um. Um que, se alguma vez chegasse a descobrir-se, não só o arruinaria, como o enviaria para a cadeia.

O marido perfeito para uma dama que precisava da parafernália que o casamento envolvia, mas não o vínculo em si.

Se ao menos o maldito homem aparecesse...

— Uma mulher sábia disse-me uma vez que os cobardes se escondem nos cantos das salas.

Georgiana conteve o impulso de gemer, enquanto se negava a voltar-se para a voz familiar do Duque de Lamont.

— Pensava que não te importavas com a sociedade — respondeu ela.

— Não digas disparates. Agrada-me o suficiente e, mesmo que assim não fosse, não perderia o primeiro baile de Lady Georgiana. — Ela franziu a testa e ele acrescentou: — Cuidado com a tua expressão, ou o resto de Londres perguntar-se-á porque é que despedes um duque.

O duque em questão, conhecido por muitos como Temple, era seu sócio, coproprietário d'O Anjo Caído, e extremamente irritante quando se propunha a isso. Por fim, voltou-se para ele com um brilhante sorriso.

— Vieste regozijar-te?

— Creio que querias terminar essa pergunta com um «Vossa Graça» — provocou-a ele.

Ela semicerrou os olhos.

— Garanto-te que não.

— Se pretendes acabar com um aristocrata, deverias praticar o uso dos títulos.

— Prefiro praticar as minhas habilidades noutras áreas. — Começavam a doer-lhe as faces por manter a expressão.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras.

— Como por exemplo?

— Vingar-me de aristocratas arrogantes que se comprazem com o meu sofrimento?

Ele assentiu, muito sério.

— Não é precisamente uma habilidade feminina.

— Estou um pouco destreinada da feminilidade.

— Não acredito... — Temple esboçou um sorriso que deixou a descoberto os seus dentes brancos e ela teve de resistir ao impulso de lho apagar do rosto. Soltou um impropério em surdina e ele riu-se.

— Isso também não é muito feminino.

— Quando regressarmos ao clube...

Ele interrompeu-a.

— Garanto-te que a tua transformação é notável. Quase não te reconheci.

— A ideia era essa.

— Como fizeste isso?

— Usando menos maquilhagem. — A máscara pública de Georgiana era Anna, a *madame* d'O Anjo Caído. Anna abusava da maquilhagem, das perucas extravagantes e ostentava amplos decotes. — Os homens só veem o que querem ver.

— Mmm... — replicou ele, pouco de acordo com aquelas palavras. — Que diabo tens vestido?

Georgiana sentiu um formigueiro nos dedos pela necessidade de alisar as saias.

— Um vestido.

Um vestido branco e virginal, desenhado para alguém muito mais inocente que ela. Muito menos escandalosa. Como ela era antes de tomar as rédeas da sua vida.

— Já te vi com vestidos. Isto é... — Temple fez uma pausa para a observar dos pés à cabeça e conteve uma gargalhada. — Esse é totalmente diferente de qualquer outro vestido que tenhas usado. — Manteve-se em silêncio durante algum tempo para a estudar a fundo. — Tens uma moita de penas na cabeça.

Georgiana rangeu os dentes.

— Garantiram-me que é a última moda.

— Estás ridícula.

Como se ela não soubesse. Como se não se *sentisse* assim.

— O teu encanto não tem limites.

Ele sorriu.

— Não gostaria que te comesçasses a mostrar demasiado satisfeita contigo mesma.

Não havia qualquer possibilidade, pelo menos ali, cercada pelo inimigo.

— Não tens de entreter a tua mulher?

Ele semicerrou os olhos antes de os fixar numa cabeça de cabelo brilhante, castanho-avermelhado, no meio do salão de baile.

— O teu irmão está a dançar com ela. Dado que está a protegê-la com a sua reputação, pensei que poderia fazer o mesmo pela irmã dele.

Georgiana olhou-o, incrédula.

— Com a *tua* reputação.

Meses antes, Temple ficara conhecido como o Duque Assassino, e todos se convenceram de que matara a futura madrastra, no dia anterior

ao casamento, num arrebatamento de paixão. A sociedade voltou a recebê-lo no redil, quando se demonstrou que a acusação era falsa e ele casou com a mulher que todos pensavam que ele assassinara — um escândalo incrível. Porém, continuou a ser tão escandaloso como um duque poderia ser já que passara anos nas ruas e depois no ringue d'O Anjo Caído, a lutar como pugilista com os punhos nus.

Temple tinha o título de duque, mas a sua reputação estava bastante abalada... ao contrário do irmão dela. Simon fora educado para aquele mundo; a dança com a Duquesa de Lamont ajudaria na reabilitação do nome dela e, afinal, do ducado de Temple.

— A tua reputação pode ser mais danosa do que benéfica para mim.

— Que disparate. Os duques agradam a toda a gente. Não somos muitos, pelo que não têm escolha. — Ele sorriu e ofereceu-lhe uma mão. — Apetece-te dançar, Lady Georgiana?

Ela ficou paralisada.

— Estás a brincar...

O sorriso de Temple alargou-se de orelha a orelha e os seus olhos negros brilharam, divertidos.

— Não me passaria pela cabeça brincar com a tua redenção.

Georgiana semicerrou os olhos.

— Sabes que tenho maneiras de fazer represálias.

Ele inclinou-se.

— As mulheres como tu não rejeitam um duque, Anna.

— Não me chames assim.

— Mulher?

Irritada, ela poisou a mão na dele.

— Devia ter-te deixado morrer no ringue.

Durante anos, Temple fora uma das atrações d'O Anjo Caído. Todo aquele que estivesse dívidas com o clube tinha uma maneira de recuperar a sua fortuna: superar o invencível Temple no ringue. Uma lesão e a mulher haviam-no afastado do pugilismo.

— Não estás a falar a sério. — Temple puxou-a para a luz. — Sorri. Georgina obedeceu, mas sentiu-se imbecil.

— Estou a dizer a verdade.

Temple tomou-a nos braços.

— Não está certo, mas como este mundo e o que vais fazer te aterrorizam, não vou pressionar-te sobre o assunto.

— Não estou aterrorizada — retorquiu, ríspida.

Temple calou-a com o olhar.

— Claro que estás. Julgas que não percebo? Que o Bourne não percebe? Ou o Cross? — acrescentou, referindo-se aos outros sócios no clube de jogo. — Todos tivemos de nos arrastar para sair da sordidez e regressar à luz. Todos tivemos de lutar para que nos voltassem a aceitar neste mundo.

— Para os homens é diferente. — A palavras saíram-lhe da boca antes de conseguir conter-se. Ao ver a expressão de surpresa na cara de Temple, soube que ela aceitara a sua premissa. — Raios!

Ele baixou a voz.

— Vais ter de controlar a língua se queres que acreditem que és mais do que um trágico escândalo.

— Estava a fazê-lo muito bem até apareceres.

— Estavas a esconder-te num canto.

— Não me escondia.

— Então, o que fazias?

— Esperava.

— Que se aproximassem para te apresentarem desculpas formais?

— Antes a peste os fulminasse — resmungou ela.

Temple riu entre dentes.

— Oxalá bastasse desejá-lo... — Fê-la rodopiar pela pista e as velas acesas por toda a sala deixaram um rasto de luz no seu campo de visão. — Chegou o Langley.

O visconde chegara havia menos de cinco minutos. Ela apercebera-se imediatamente.

— Vi-o entrar.

— Não esperes um casamento a sério com ele — assegurou Temple.

— Não espero.

— Então, porque é que não fazes aquilo que tão bem sabes fazer?

Georgiana olhou para o belo homem no outro lado do salão e pestanejou. Escolhera-o para seu consorte.

— Achas que a chantagem é a melhor maneira de arranjar marido?

Ele sorriu.

— A mim chantagearam-me para arranjar mulher.

— Sim, é verdade, mas, geralmente, os homens não são assim tão masoquistas, Temple. Há muito tempo que dizes que deveria casar-me. Tu, o Bourne e o Cross — acrescentou, mencionando os sócios. — Para não falar do meu irmão.

— Ah, sim, ouvi dizer que o Duque de Leighton ofereceu um dote tão grande a quem casar contigo que é admirável suportares o peso de tal fortuna. Mas e o amor?

— O amor? — Era-lhe difícil pronunciar a palavra sem desdém.

— Ouviste sem dúvida falar desse conceito. Sonetos, poemas e finais felizes para sempre?

— Sim, ouvi falar — replicou. — Mas como discutíamos o casamento, que, no seu melhor é de conveniência e, no seu pior, para pagamento de dívidas e essas coisas, não me pareceu necessário incluir a falta de amor — disse ela. — E, além disso, é uma idiotice.

Temple olhou para ela durante um bom bocado.

— Então estás rodeada de idiotas.

Ela lançou-lhe um olhar gélido.

— Todos vós. Perdidos de amor para lá da razão. E vejam o que aconteceu por isso.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

— O quê? Casamento? Filhos? Felicidade?

Georgiana suspirou. Tinham repetido aquela conversa centenas de vezes. Milhares. Os seus sócios estavam tão felizmente acasalados que não deixavam de tentar impor o seu estado a todos os que os cercavam. Ignoravam apenas que o idílio não lhe servia. Afastou essa ideia.

— Sou feliz — mentiu.

— Não. És rica. E poderosa. Mas não és feliz.

— A felicidade está sobrevalorizada — assegurou ela, encolhendo os ombros enquanto ele a fazia voar pelo salão. — Não vale a pena.

— Vale tudo. — Dançaram em silêncio durante algum tempo. — Estás a ver, não estarias aqui se não fosse pela felicidade.

— Não pela minha, pela de Caroline.

A filha. Que crescia mais a cada segundo que passava. Fizera nove anos, mas a seguir seriam dez... e muito em breve, 20. E era ela a razão pela qual Georgiana ali estava. Olhou para o seu descomunal parceiro de dança, o homem que a salvara tantas vezes como ela a ele.

— Pensava que poderia mantê-la afastada disto — confessou em voz baixa. — Que seria tudo mais fácil para ela.

Fizera-o durante anos, em detrimento de ambas.

— Bem sei — concordou ele num murmúrio. Ela agradeceu que a dança a impedisse de ter de o olhar nos olhos com frequência. Sabia que não conseguiria fazê-lo.

— Tentei mantê-la a salvo — repetiu. Mas uma mãe só pode manter uma criança a salvo durante algum tempo. — Mas não foi suficiente. Precisaré de mais para sair da nossa pocilga.

Georgiana fizera o melhor que lhe fora possível; mandara Caroline para viver em casa do irmão, tentando não a manchar com as circunstâncias que rodeavam o seu nascimento.

E dera resultado... até que deixara de dar.

Até ao mês anterior.

— Não podes estar a referir-te à caricatura — disse ele.

— Claro que me refiro à caricatura.

— Ninguém se importa com jornais de escândalos.

Ela silenciou-o com o olhar.

— Isso não é verdade e tu mais do que ninguém sabe-lo perfeitamente.

Os rumores haviam sido brutais desde o seu regresso. Que o irmão lhe dissera que Caroline não podia ter uma apresentação em sociedade que ela lhe rogara. Que insistira em que, sendo ela mãe solteira, devia manter-se escondida. Que ela lhe suplicara. Que os vizinhos a tinham ouvido gritar. Lamentar-se. Praguejar. Que o duque a exilara e que ela regressara sem a sua autorização.

Os jornais de mexericos estavam ao rubro, cada uma tentando superar os outros com histórias sobre o regresso de Georgiana Pearson, a Dama Impúdica.

O mais popular, *The Scandal Sheet*, recorrera a uma lendária caricatura escandalosa e um tanto blasfema. Georgiana montada num cavalo, coberta apenas pelo cabelo sustendo nos braços um bebé enfaixado com cara de menina. Em parte Lady Godiva, em parte Virgem Maria, com um desdenhoso Duque de Leighton a olhar, com uma expressão horrorizada.

Georgiana ignorara por completo a caricatura até uma semana antes, quando num dia estranhamente quente tentara no meio de Londres ir ao Hyde Park. Caroline pedira-lhe para irem dar um passeio a cavalo e ela deixara o trabalho contrariada, para a acompanhar. Não era a primeira vez que apareciam em público, mas sim a primeira vez que o faziam depois da publicação da caricatura, e Caroline teve consciência dos olhares.

Desmontaram no alto de uma ladeira que conduzia ao Serpentine, cujas águas estavam barrentas e turvas como era habitual no final do inverno, e levaram os cavalos até ao lago, junto ao qual um grupo

de meninas pouco mais velhas que Caroline, se entretinha a cochichar como era próprio das jovens. Georgiana presenciara atitudes parecidas vezes suficientes para saber que aquele grupinho nada pressagiava de bom.

Porém, a esperança que brilhava no inocente rosto da filha fez com que não tivesse coragem para a afastar dali, apesar de ser o que, desesperadamente, queria fazer.

Caroline aproximou-se mais das meninas, tentando parecer que não o fazia de propósito. Que não era um movimento planejado. Como seria possível que todas as jovens conhecessem aquele gesto? Um gesto que transmitia anseio e medo ao mesmo tempo? Como um pedido silencioso para que se apercebessem de que estava ali?

Era um milagre de coragem, nascida da juventude e da loucura.

As raparigas viram Georgiana em primeiro lugar, reconheceram-na sem dúvida pela maneira como as mães abriram os olhos e falavam e, logo a seguir, desconfiaram da identidade de Caroline, e olharam-na entre murmúrios, esticando o pescoço. Georgiana ficou para trás, resistindo a interpor-se entre os lobos e a sua cria. Talvez se tivesse enganado. Talvez mostrassem bondade. Boas-vindas. Aceitação.

E então a líder do grupo viu-a.

Ela e Caroline raras vezes eram identificadas como mãe e filha. Georgiana era suficientemente nova para que as considerassem irmãs e, apesar de não se esconder da sociedade, também não se relacionava com ela.

Mas no momento em que os olhos daquela linda menina loura se abriram, reconhecendo-as — malditas mães coscuvilheiras! — soube que Caroline estava condenada. Quis desesperadamente detê-la. Terminar aquilo antes que começasse.

Ela deu um passo em frente, para elas.

Demasiado tarde.

— O parque já não é o que costumava ser — disse a menina com sabedoria e desprezo pouco próprios da sua idade. — Permite-se que qualquer pessoa passeie por aqui. Não há qualquer respeito pela *linhagem* familiar.

Caroline ficou imóvel, com as rédeas do seu querido cavalo esquecidas na mão, fingindo não ouvir. Como se tentasse não ouvir.

— ... Ou a *paternidade* — acrescentou outra rapariga com cruel regozijo.

E ali ficou, pairando no ar, a palavra que não fora dita.

Bastarda.

Georgiana desejou poder esbofeteá-las.

O bando de meninas desfez-se em risinhos cobrindo os lábios com as mãos enluvadas, ocultando os sorrisos ainda que os dentes brilhassem. Caroline virou-se para ela com os olhos verdes cheios de lágrimas.

Não chores, quis Georgiana dizer-lhe. Não as deixes perceber que te magoaram.

Mas não tinha a certeza de se as palavras seriam para ela ou para a filha.

Caroline não chegou a verter as lágrimas, mas ardiam-lhe as faces. Envergonhada do seu nascimento. Da sua mãe. De várias coisas que não podia mudar.

Regressou devagar para o lado de Georgiana acariciando pensativa o pescoço da montada e — abençoada — como se quisesse demonstrar que não se sentia insultada.

Quando a viu regressar, Georgiana sentira-se tão orgulhosa que tivera dificuldade em falar com o nó que tinha na garganta. Não precisara de dizer nada. Caroline falara primeiro, suficientemente alto para ser ouvida.

— ... Ou a *boa educação*.

Georgiana rira-se, apesar do choque, enquanto Caroline montava o cavalo e olhava para ela.

— Desafio-te para uma corrida até Grosvenor Gate.

Cavalgaram. E Caroline ganhara. Duas vezes numa manhã.

Mas quantas vezes perderia?

A pergunta devolveu-a ao presente. Ao salão de baile, à música, aos braços do Duque de Lamont, rodeada pelos membros da aristocracia.

— Caroline não tem futuro — comentou em voz baixa. — Eu destruí-lho.

Temple suspirou. Ela continuou.

— Pensei que poderia comprar o seu acesso a qualquer lugar de que gostasse. Disse a mim própria que Chase lhe abriria qualquer porta que quisesse transpor.

Falava em voz baixa e o baile impedia que alguém a ouvisse.

— Não sem que as pessoas perguntem por que razão o dono de um clube de jogo está tão interessado no futuro da bastarda de uma dama.

Georgiana cerrou os dentes com força. Fizera muitas promessas ao longo da vida... prometera dar à sociedade uma bem merecida lição. Prometera a si mesma que nunca se inclinaria diante deles.

Prometera a si própria que nunca permitiria que lhe tocassem na filha.

Mas alguns votos, por muito firmes, não poderiam manter-se.

— Exerço esse poder e, mesmo assim, não é suficiente para salvar uma menina. — Fez uma pausa. — Se não o fizer, o que lhe acontecerá?

— Eu protegê-la-ei — prometeu o duque. — E a ti. E também aos outros. — Um conde. Um marquês. Os seus sócios no negócio, todos ricos, titulares e poderosos. — O teu irmão.

Porém...

— E quando já cá não estivermos? Como será? Quando tivermos partido, ela possuirá um legado produto do vício e do pecado. Estará condenada a uma vida na obscuridade.

Caroline merecia melhor. Merecia tudo.

— Merece a luz — murmurou, tanto para si própria como para Temple.

E Georgiana dar-lha-ia.

Caroline queria uma vida própria. Filhos. Tudo.

E para se assegurar de que pudesse ter todas essas coisas, Georgiana só tinha uma opção. Devia casar. A ideia devolveu-a ao presente; o seu olhar recaiu no homem que estava no outro extremo da sala, o que escolhera para futuro marido.

— O título do visconde ajudará.

— Um título é tudo o que precisas?

— Sim — respondeu ela. — Um título digno dela. Uma coisa com que conseguirá a vida que quiser. É possível que nunca cheguem a respeitá-la, mas um título garantirá o seu futuro.

— Há outras maneiras — assegurou ele.

— Quais? — perguntou ela. — Pensa na minha cunhada. Pensa na tua mulher. Mal as aceitam, sem um título seriam um escândalo. — Ele semicerrou os olhos ao ouvi-la, mas Georgiana continuou. — É o título que as salva. Que diabo! Pensaram que tinhas matado uma mulher e não te escorraçaram porque eras duque. Tanto fazia que fosses um presumível assassino, poderias ter casado, se quisesses. O título é o que importa. E sempre será assim.

» Haverá sempre mulheres que vão atrás dos títulos e homens que anseiam os dotes. Deus sabe que o dote de Caroline será grande, mas não suficiente. Será sempre a minha filha, e mesmo que ela encontre o amor, nenhum homem decente quererá casar com ela. Mas e se eu casar com o Langley? Abrir-se-á para ela um futuro desprovido do meu pecado.

Temple permaneceu em silêncio durante algum tempo, e ela agradeceu.

— Então porque não envolver o Chase? — perguntou ele quando por fim falou. — Tu precisas do nome, Langley precisa de uma esposa e nós somos as únicas pessoas em Londres que sabemos porquê. Trata-se de um acordo benéfico para ambas as partes.

Sob a fachada de Chase, fundador do clube de jogo a que todos os cavalheiros de Londres queriam pertencer, Georgiana manipulava dezenas de membros da sociedade. Centenas. Chase destruíra alguns e enaltecera outros. Chase salvara e arruinara vidas. Poderia manipular facilmente Langley para contrair matrimónio bastando-lhe mencionar o nome de Chase e a informação que possuía sobre o visconde.

Mas precisar não era querer, e talvez fosse a arguta compreensão desse equilíbrio — que o visconde precisava tanto de casar como ela e lhe quisesse tão pouco — que a fazia duvidar.

— Tenho esperança de que o visconde se mostre de acordo por benefício mútuo, e que não seja necessária a intervenção de Chase.

Temple manteve-se algum tempo em silêncio.

— Mas a intervenção de Chase aceleraria o processo.

Certo, mas também conduziria a um casamento horrível. Se ela pudesse conquistar Langley sem chantagens, seria o melhor.

— Tenho um plano — confessou ela.

— E se não resultar?

Ela pensou no dossiê de Langley. Não era muito grande, mas extremamente condenatório. Uma lista de nomes, todos homens. Georgiana ignorou o amargo sabor que lhe chegou à boca.

— Chantageei homens mais poderosos.

Temple abanou a cabeça.

— Cada vez que me lembro de que és mulher, dizes qualquer coisa nesse género... e o Chase volta.

— Ele não é fácil de esconder.

— Nem sequer quando és tão... — Fez uma careta ao olhar para o toucado de penas. — Suponho que essa coisa seja... senhoril?

Georgiana salvou-se de ter de responder a Temple ou de discutir a que extremos estava disposta a chegar para garantir o futuro da filha, pois a orquestra tocou a nota final. Afastou-se e fez a reverência devida.

— Obrigada, *Vossa Graça*. — Acentuou o título quando se endireitou. — Creio que irei apanhar um pouco de ar.

— Sozinha? — perguntou ele com alguma preocupação no tom de voz.

Georgiana sentiu-se frustrada.

— Achas que não consigo tomar conta de mim sozinha? — Era a fundadora do mais notório clube de jogo de Londres. Bem se lembrava de quantos homens destruíra.

— Creio que deves ter cuidado com a tua reputação — replicou Temple.

— Garanto-te que se um cavalheiro tentar alguma liberdade, lhe dou uma palmada. — Esboçou um sorriso tão amplo como falso e baixou timidamente a cabeça. — Vai ter com a tua mulher, e obrigada pela dança.

Ele agarrou-lhe a mão com força durante um instante até ela o olhar de novo nos olhos.

— Não poderás derrotá-los, sabes isso, não é verdade? Não importa quanto te esforces... A sociedade ganhará sempre.

De repente, aquelas palavras fizeram-na sentir-se imprevisivelmente furiosa.

— Enganas-te — respondeu ela, contendo a emoção. — E tentaciono demonstrar-to.

Capítulo 2



A conversa deixara-a nervosa.
A noite deixara-a nervosa.

E Georgiana não gostava de se sentir nervosa, e era esse o motivo pelo qual resistira tanto tempo a esse momento — o seu regresso à sociedade e aos seus olhares curiosos e preconceituosos. Odiara-os desde o princípio, havia dez anos. Odiava a forma como a seguiam de cada vez que se vestia para percorrer as ruas de Mayfair em vez de estar no seu casino. Odiava a maneira como troçavam dela nas modistas, nas lojas de tecidos, nas livrarias e nas escadas da casa do irmão. Odiava a maneira como tinha marcado o destino da filha, a forma como o fizera muito antes de Caroline ter respirado pela primeira vez.

Levara a cabo a sua vingança por esse julgamento, construindo um templo ao pecado no coração da sociedade, e nele colecionara os segredos de todos os membros ao longo de seis anos. Os homens que jogavam n'O Anjo Caído não sabiam que cada carta que jogavam, cada vez que perdiam, mais se embrenhavam nas redes de uma mulher que as esposas tinham afastado.

Também não sabiam que os seus segredos haviam sido cuidadosamente anotados, catalogados e prontos a usar, quando Chase mais precisasse deles.

Mas, sem saber porquê, esse local, essas pessoas e o seu mundo intocável estavam a mudá-la, fazendo-a hesitar em coisas que antes nunca

hesitara. Antes, talvez se tivesse sentado diante do futuro Visconde de Langley para lhe expor clara e abertamente os termos do seu futuro — casar com ela ou sofrer as consequências.

Mas agora sabia muito bem em que consistiam essas consequências e não se importava de lançar outra vítima às feras do escândalo.

Não que não se atrevesse a fazê-lo, se necessário fosse.

Ainda que esperasse consegui-lo de outra maneira.

Saiu para o terraço anexo ao salão de baile de Worthington House e respirou fundo. Sentiu-se desesperada pela maneira como o fresco ar noturno a enganava, fazendo-a crer que se libertara desse serão e dessas obrigações.

A noite de abril estava fria e cheia de promessas. Georgiana afastou-se do salão de baile para a escuridão, onde se sentia mais confortável. Uma vez ali, suspirou e apoiou-se no parapeito de mármore.

Três minutos. Cinco no máximo. E então regressaria. Afinal, estava ali por uma razão específica. Havia um prêmio no final daquele jogo, que, se o jogasse, significaria a segurança e o futuro que não poderia dar à sua filha.

Irritou-se com a ideia. Possuía um poder inacreditável. Com o golpe de uma caneta, com um sinal no chão do seu clube particular, podia destruir qualquer um. Conhecia os segredos dos homens mais influentes da Grã-Bretanha... e das suas mulheres. Sabia mais sobre a aristocracia do que qualquer dos seus membros.

Mas não podia proteger a filha. Não podia dar-lhe a vida que merecia.

Precisava deles.

Da sua aprovação.

Assim, ali estava ela. De branco, com a cabeça cheia de plumas, desejando apenas caminhar pela escuridão dos jardins até chegar ao muro que os rodeava, escalá-lo e regressar ao seu clube. À vida que forjara. Que escolhera.

Supôs que teria de despir o vestido para poder trepá-lo.

E os moradores de Mayfair talvez não gostassem.

O seu pensamento foi interrompido por um grupo de jovens que, saindo do salão de baile, espalhavam as suas gargalhadas e murmúrios com uma intensidade que qualquer um podia ouvir.

— Não me surpreende que se oferecesse para dançar com ela — cacarejou uma. — Não há dúvida de que espera que ela case com um jogador que vá gastar o dote à sua casa de jogo.

— De qualquer maneira — prosseguiu outra —, dançar com o Duque Assassino não lhe será muito vantajoso.

Claro que estavam a falar dela. Era sem dúvida o motivo das conversas de toda a *sociedade*.

— Continua a ser um duque — interveio outra. — Seja essa estúpida alcunha certa ou não. — Aquela jovem era mais inteligente. Não sobreviveria entre as amigas.

— Não percebes, Sophie. Ele não é um duque *verdadeiro*.

Sophie não estava de acordo.

— Tem o título, não tem?

— Sim — respondeu a primeira, em tom irritado. — Mas foi pugilista durante muito tempo e agora casou com alguém de classe *inferior*, assim, é como se não o tivesse.

— Mas a lei da primogenitura ...

Pobre Sophie, que tentava usar os factos e a lógica para se impor. As outras não dariam ouvidos à razão.

— Isso não importa, Sophie. Nunca irás entender. O que importa é que ela é horrível. Tenha um dote enorme ou não, não conseguirá pescar um marido decente.

Georgiana pensou que a líder do pequeno grupo, essa sim, era horrível, mas parecia ser só dela essa opinião, pois as suas seguidoras assentiram com a cabeça num murmúrio de aprovação.

Georgiana aproximou-se mais, tentando observá-las melhor.

— Está claro que anda atrás de um título — declarou a chefe do grupo, uma jovem pequena e incrivelmente magra, de cujo cabelo parecia sair um punhado de flechas.

Georgiana apercebeu-se de que não estava em condições de atirar a primeira pedra no que tocava ao penteado, pois usava a plumagem de uma garça no seu próprio cabelo, porém usar flechas pareceu-lhe exagerado.

— Nem sequer um cavalheiro, e um aristocrata é *impensável*. Mesmo que fosse só baronete.

— Tecnicamente, não é um título muito aristocrático — declarou Sophie.

Georgiana não conseguiu conter-se por mais tempo.

— Oh, Sophie, será que não se apercebe? Nenhuma delas está interessada na verdade.

As palavras cortaram a escuridão e as jovens, seis ao todo, voltaram-se ao mesmo tempo para olhá-la, com várias expressões de surpresa

nos rostos. Talvez chamar a atenção sobre si não fosse o mais prudente, mas perdido por cem, perdido por mil.

Georgiana avançou para a luz e duas jovens sustiveram a respiração. Sophie pestanejou. E a pequena Napoleão, que as liderava, manteve-se firme diante dela, olhando-a com ar de desdém, apesar de Georgiana ter mais 20 centímetros do que ela.

— A senhora não foi convidada para a nossa conversa.

— Mas deveria ter sido, não lhe parece? No fim de contas sou o tema principal.

Teve de reconhecer que as outras raparigas tiveram a decência de parecer envergonhadas. Mas não a líder.

— Não desejo que me vejam a conversar com a senhora — continuou esta última com crueldade. — Não gostaria de me ver manchada pelo escândalo.

Georgiana sorriu.

— Não se preocupe com isso. O meu escândalo sempre procurou... — fez uma pausa — ... gente mais elegante.

Sophie abriu muito os olhos.

— A menina tem nome? — insistiu Georgiana.

— Lady Mary Ashehollow — respondeu com os olhos semicerrados.

Tinha de se tratar de uma Ashehollow. O pai era um dos homens mais repugnantes de Londres — um bêbado mulherengo que sem dúvida levava a sífilis para casa e contagiara a mulher. Mas era Conde de Holborn e, portanto, aceite naquele mundo absurdo. Pensou de novo na informação que havia n'O Anjo Caído sobre o conde e a família. A condessa era uma bruxa maldizente, que não se importaria de afogar gatinhos se pensasse que isso a ajudaria a crescer socialmente. Tinham dois filhos, um rapaz que ainda andava na escola e uma rapariga, que fora apresentada à sociedade havia já duas temporadas.

Uma rapariga que, sem dúvida, não era melhor que os progenitores.

Com efeito, *lady* ou não, merecia uma reprimenda.

— Diga-me, a menina já está noiva?

Mary ficou imóvel.

— Esta é apenas a minha segunda temporada.

Georgiana avançou para ela, disfrutando.

— Mais uma e ficará na prateleira, não é verdade?

Um golpe baixo. O olhar de prepotência da rapariga esfumou-se, mas recuperou a compostura tão rapidamente que qualquer outra pessoa que não fosse Chase pensaria que não a perdera.

— Tenho vários pretendentes.

— Mmm... — Georgiana recordou o dossiê de Holborn. — Burlington e Montlake, imagino, que têm dívidas suficientemente elevadas para ignorarem os seus defeitos e deitarem a mão ao seu dote.

— A senhora não é a mais indicada para falar de defeitos. Ou de dotes — riu-se Mary.

Aquela pobre rapariga não sabia que Georgiana tinha dez vezes mais anos de experiência do que de vida. Uma experiência que adquirira lidando com criaturas muito piores do que uma jovem de língua afiada.

— Ah, mas não pretendo que o meu dote seja desnecessário, Mary. Mas Lorde Russel, sim. O que faz um homem decente como ele a farejar atrás de uma pessoa como a menina.

Mary abriu a boca de espanto.

— Uma pessoa como eu?

Georgiana recuou.

— Refiro-me a alguém com uma espantosa falta de elegância em sociedade.

A farpa acertou em cheio. Mary recuou como se tivesse sido fisicamente atingida. As amigas taparam a boca com a mão para conter uma gargalhada irreprimível. Georgiana ergueu as sobrancelhas.

— A crueldade não dá prazer quando nos é dirigida, não é verdade?

A ira de Mary era intensa e desagradável. E esperada

— Não quero saber que o seu dote seja importante. Ninguém reparará em si. Ninguém que saiba quem a senhora de facto é.

— E o que sou eu? — perguntou Georgiana estendendo a armadilha. Disposta a que a jovem nela caísse.

— Uma meretriz. Uma rameira — respondeu Mary, cruelmente.

— Mãe de uma bastarda que provavelmente se converterá noutra rameira.

Georgiana esperava o primeiro, mas não o último golpe. O sangue ferveu-lhe nas veias. Pôs-se debaixo da luz dourada que provinha do salão de baile.

— Como disse? — perguntou em voz baixa.

Fez-se silêncio na varanda. As outras jovens perceberam o tom de advertência das suas palavras e murmuraram baixinho, preocupadas. Mary recuou, mas era demasiado orgulhosa para se retratar.

— Ouviu perfeitamente.

Georgiana avançou, obrigando Mary a abandonar o jorro de luz e a perder-se na escuridão. Onde ela reinava.

— Repita.

— É...

— Repita — insistiu Georgiana.

Mary fechou os olhos com força.

— É uma meretriz — sussurrou.

— E a menina é uma cobarde — sibilou Georgiana. — Tal como o seu pai, e o pai dele antes dele.

A rapariga abriu os olhos de repente.

— Não queria que...

— Claro que queria — interrompeu-a Georgiana em voz baixa.

— Poder-lhe-ia ter perdoado o insulto. Mas não que mencionasse a minha filha.

— Peço desculpa.

Demasiado tarde. Georgiana abanou a cabeça e aproximou-se para lhe murmurar uma promessa.

— Quando todo o mundo ruir à sua volta, será por culpa deste momento.

— Lamento! — exclamou Mary, percebendo a verdade que aquelas palavras continham. Deveria saber. Chase não prometia nada que não cumprisse.

Salvo que nessa noite não era Chase, mas sim Georgiana.

Deus do Céu.

Teve de se distanciar do momento. Ocultar a sua raiva antes que revelasse demasiado. Afastou-se de Mary e desatou a rir alto, um som que aperfeiçoara no clube.

— Falta-lhe coragem para defender as suas convicções, Lady Mary. Assusta-se facilmente.

As outras jovens riram-se e a pobre Mary pareceu muito aborrecida, como se não tivesse gostado do modo como a baixaram do pedestal da sua posição superior.

— Nunca será digna de estar entre nós. A senhora é uma prostituta!

Todas as outras sustiveram a respiração em simultâneo e o silêncio caiu sobre o terraço.

— Mary — murmurou uma delas, passado um momento, expressando a surpresa e a desaprovação pelas palavras que a amiga pronunciara.

Mary tinha os olhos muito abertos, desesperada por regressar ao seu lugar, no cimo da pirâmide social.

— Foi ela que começou!

Houve uma pausa prolongada.

— Na verdade — murmurou Sophie —, fomos nós que começámos.

— Oh, *cala-te*, Sophie! — exclamou Mary antes de dar meia volta e correr para o salão de baile. Sozinha.

Georgiana deveria ter-se sentido feliz com o desfecho da cena. Mary fora longe demais e aprendera a lição mais importante da sociedade — os amigos só ficavam com uma pessoa se não tivessem nada a perder.

Mas Georgiana não se sentia feliz.

Chase orgulhava-se geralmente do seu controlo. Da calma que mostrava. Dos seus atos repletos de bom senso.

Onde raios se metera Chase nessa noite?

Como era possível que aquelas pessoas tivessem exercido tal efeito sobre ela — sobre as suas emoções — mesmo naquele momento? Apesar do poder que conseguia exercer sobre elas na sua vida paralela?

A senhora é uma prostituta.

As palavras haviam-se mantido na escuridão, recordando-a do seu passado. Recordando-a do futuro que esperava Caroline caso Georgiana não conseguisse que o mundo aceitasse a filha.

Aquelas jovens tinham-na dominado porque o permitira. Porque não tivera outro remédio senão permiti-lo. Estivera no campo delas e aquele jogo fizera-a sentir-se pequena e insignificante.

Odiava-as por jogarem tão bem.

Olhou para as jovens que ali tinham ficado.

— Estou certa de que todas têm alguém à espera para dançar.

Elas dispersaram sem hesitar — todas menos uma. Georgiana olhou para ela com os olhos semicerrados.

— Como se chama?

A jovem não afastou o olhar, deixando-a realmente impressionada.

— Sophie.

— Isso eu sei?

— Sophie Talbot.

Não usou o título de *lady* que lhe correspondia.

— O seu pai é o Conde de Wight?

A rapariga assentiu.

— Sim.

Praticamente era um título comprado. Wight ficou muito rico depois de ter efetuado uma série de impressionantes investimentos no Oriente, e o rei anterior concedera-lhe um título que poucos consideravam justificado. Sophie tinha uma irmã mais velha que acabara de se converter em duquesa, razão pela qual, sem dúvida, a tinham convidado para aquela reunião de bruxas.

— Vá também, Sophie, antes que eu decida que, afinal, a menina também não me agrada.

Sophie abriu a boca, mas fechou-a de novo como se tivesse decidido não falar. Limitou-se a dar meia-volta e a regressar ao salão de baile. Uma jovem esperta.

Georgiana emitiu um longo suspiro quando ficou de novo só, odiando o seu estremecimento, a forma como lhe soou a pesar.

A tristeza.

A fraqueza.

Agradeceu em silêncio por estar sozinha, sem testemunhas que presenciassem aquele momento.

Porém, não estava sozinha.

— Aquilo não ajudará a sua causa.

As palavras saíram das sombras escuras e silenciosas, e ela virou-se para olhar para o homem que as pronunciara. Ficou tensa quando o viu na escuridão.

Antes de lhe pedir que se mostrasse, ele deu um passo em frente e permitiu que o luar lhe iluminasse o cabelo prateado. As sombras puseram-lhe em relevo os afiados ângulos do rosto — o queixo, as faces, a testa, o nariz comprido e direito. Ela respirou fundo quando a frustração deu lugar ao reconhecimento... depois ao alívio e a mais emoção do que gostaria de admitir.

Duncan West. Elegante e corretamente vestido, com casaco e calças pretos, uma gravata de linho branco e brilhante contra a sua pele. A simplicidade do traje de gala fazia-o parecer mais convincente do que o habitual.

E Duncan West era um homem que não precisava de ser ainda mais convincente. Era inteligente e poderoso, atraente como o pecado, mas com uma argúcia e influência que acabava por ser perigosa. Não o saberia ela melhor que ninguém?

Acaso não construíra a vida baseando-se no mesmo?

West era proprietário das cinco publicações mais lidas em Londres. Um diário que era meticulosamente passado a ferro pelos mordomos da cidade; dois semanários entregues pelo correio nos lares de todo o Reino Unido; uma revista feminina e um jornal de mexericos que era a alegria dos que não tinham título e a secreta e envergonhada assinatura da aristocracia.

E, além disso, também era quase o quinto sócio d'O Anjo Caído — o jornalista que criara um nome e uma fortuna com escândalos, segredos e informações que recebia diretamente de Chase.

West não sabia, claro, que Chase estava agora diante dele — não o aterrador e misterioso cavalheiro que a cidade de Londres julgava que fosse, mas sim uma mulher. Uma mulher jovem, escandalosa, com mais poder do que o que qualquer mulher tinha direito a reclamar.

Essa ignorância fora, sem dúvida, a razão por que West se permitia a publicar aquela caricatura horrível no seu jornal de mexericos, representando Georgiana Pearson como Lady Godiva e a Virgem Maria em simultâneo, prostituta e virgem, pecado e salvação, tudo ao serviço da sua conta bancária de jornalista.

Os seus jornais tinham chegado longe demais. Era ele o motivo pelo qual ela ali estava, naquela noite, com as suas plumas e o seu vestido perfeito, procurando uma segunda oportunidade social. E isso não lhe agradava, por muito bonito que ele fosse.

Talvez se agradasse menos, exatamente por ele ser bonito.

— Senhor West — replicou ela, num tom de leve reprovação. — Não fomos apresentados. E não deveria estar escondido na escuridão.

— Tolices — disse ele e ela apercebeu-se do tom trocista na voz dele. — A escuridão é o melhor local para nos escondermos.

— Não para quem se preocupa com a reputação — respondeu ela, incapaz de reprimir a ironia.

— A minha reputação não corre perigo.

— Oh, a minha também não — replicou.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— Não?

— Não. A única coisa que poderá acontecer à minha reputação é, sem dúvida, melhorar. Ouviu o que Lady Mary me chamou.

— Creio que meia Londres ouviu o que ela lhe chamou — disse ele, aproximando-se. — Foi muito indelicada.

Georgiana inclinou a cabeça.

— Mas não incorreta?

Notou um brilho de surpresa nos olhos dele e pensou que lhe agradava. West não era homem que se surpreendesse facilmente.

— É um facto que foi incorreta.

E também lhe agradavam as palavras dele. A sua afirmação fê-la sentir um arrepio de emoção. Ainda que não pudesse dar-se ao luxo de se deixar levar pelas emoções. Por isso levou a conversa para um tema mais seguro.

— Estou certa de que o nosso contratempo aparecerá nos jornais de amanhã — continuou com certo tom de acusação.

— Vejo que a minha reputação me precede.

— Pensava que só me precedia a mim?

Ele mexeu-se, incomodado, e ela seguiu o gesto com prazer. Bem podia sentir-se incomodado com ela. Tudo o que ele sabia, era que Georgiana era uma jovem, mesmo muito jovem quando se vira desonrada. Mas acaso um escândalo juvenil não a convertia precisamente na mais inocente das jovens?

Não importava que ela não fosse inocente, nem que eles se conhecessem há anos. Trabalhando juntos. Trocavam cartas, ela sob o disfarce do todo-poderoso Chase, namoriscavam, ela sob o disfarce de Anna, a rainha das prostitutas de Londres.

Mas Duncan West não estava familiarizado com o papel que ela desempenhava naquela noite. Não sabia nada de Georgiana, apesar de ter sido ele que a forçara a misturar-se com a sociedade. Ele e a sua caricatura.

— Claro que conheço o homem que publicou o desenho que me tornou famosa.

Reconheceu a culpa no olhar dele.

— Lamento.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Pede desculpa a todos os que são objeto do seu peculiar sentido de humor? Ou só àqueles que não pode evitar?

— Mereço isso.

— Merece muito mais — concordou ela, sabendo que estava a ponto de exagerar.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim... Mas a senhora não merecia aquela caricatura.

— Mudou de ideias a esse respeito esta noite?

West abanou a cabeça.

— Lamentei-a assim que foi publicada. Foi de muito mau gosto.

— Não precisa de me dar explicações. Negócios são negócios. — Georgiana sabia-o bem. Havia anos que enfrentava a vida sozinha. Era uma das razões pelas quais Chase e West trabalhavam tão bem juntos. Não faziam perguntas, sempre que a informação fluísse entre eles, sem problemas.

Porém, não significava que lhe perdoasse o que lhe fizera. Que tivesse de estar ali naquela noite, que tivesse de procurar marido, de ser aceite. Se ele não tivesse publicado o desenho... teria disposto de mais tempo.

Não muito mais.

Ignorou esse pensamento.

— As crianças não são um negócio — disse ele. — A sua filha não deveria ter feito parte disto.

Georgiana não gostou do rumo que a conversa tomara, nem da maneira como se referia a Caroline, com ternura, quase como se se importasse com ela. Não gostava de pensar que ele se importava, por isso olhou para outro lado.

Ele notou a mudança de atitude e mudou de assunto.

— Como me conheceu?

— Quando cheguei, o meu irmão indicou-me os leões presentes no salão de baile. — A mentira saiu-lhe com facilidade.

Ele inclinou a cabeça.

— Os mais majestosos e importantes?

— Os preguiçosos e perigosos.

West riu em surdina e a gargalhada ondulou nela. Não lhe agradava, ou antes, não lhe agradava ser apanhada desprevenida, mesmo quando estava alerta.

— Posso ser perigoso, Lady Georgiana, mas nunca na minha vida fui preguiçoso.

E de repente, ela já não estava alerta, mas muito à vontade. Tentada. Certamente que não fora intenção dele falar-lhe com palavras tentadoras, mas na verdade tentavam-na... tentavam-na a namoriscar despidoradamente com ele e a pedir-lhe que lhe demonstrasse o muito que se esforçaria por obter uma recompensa. E tinha a certeza de que ele estava naquele momento a ter sobre ela o mesmo efeito que tinha quando estava no clube, disfarçada, e ele se divertia.

Maldito fosse se não a estava a levar a perguntar a si própria como seria encontrar-se com ele na escuridão e ser outra mulher noutro tempo, noutro lugar. Cedendo à tentação.

Pela primeira vez. Desde a última vez.

Desde a única vez.

Ficou assombrada com a ideia. Duncan West era um homem muito perigoso e ela não era Chase naquela noite. Não estava no clube. E ali não tinha qualquer poder.

Porém, ele sim.

Georgiana olhou para o luminoso salão de baile.

— Deveria regressar para a festa. Para as minhas acompanhantes.

— Que sem dúvida são uma legião.

— A minha cunhada e as cunhadas dela. Não há nada que um grupo de mulheres mais goste do que adornar uma solteira.

Ele sorriu ao ouvi-la.

— Adornar é o mais adequado — concordou, passeando o olhar pelas plumas que sobressaíam do toucado. Ela reprimiu o impulso de as arrancar. Acedera a levá-las como mais uma maldita prova; usava-as e, em troca, permitiam-lhe chegar e sair do baile no seu próprio meio de transporte.

Georgiana franziu a testa.

— Não olhe para elas. — Ele fitou-a mais uma vez, e ela reconheceu o humor que brilhava nos olhos castanhos de West. — E não seria. Tente vestir-se para um baile com três mulheres e as respetivas criadas em seu redor.

Ele apertou os lábios.

— Imagino que não goste de moda.

Georgiana afastou uma pluma errante que lhe obstruía o campo de visão, como se a tivesse chamado com o seu comentário venenoso.

— O que o levou a essa conclusão?

West riu-se e ela gostou do som, quase esquecendo porque é que estavam ali.

— Uma duquesa e uma marquesa ajudá-la-ão a mudar de opinião — recordou-lhe.

— Não sei a que se refere — disse ela.

Duncan West não era parvo e sabia perfeitamente o que estava a fazer.

Ele balançou-se sobre os calcanhares.

— Não brinque comigo. Está na posição correta para que a sociedade lhe dê as boas-vindas. Trouxe o seu irmão, a sua cunhada e a família dela. — Olhou para o salão de baile por cima do ombro de Georgina. — Que diabo, até já dançou com o Duque de Lamont.

— Para alguém que não me conhece, parece ter reparado em tudo o que fiz esta noite.

— Sou jornalista. Reparo em tudo o que não é vulgar.

— Eu sou perfeitamente vulgar — asseverou ela.

West riu.

— Claro que sim.

Georgiana desviou o olhar, sentindo-se repentinamente incomodada, sem saber como se comportar, sem saber quem devia fingir ser diante daquele homem que parecia ver tudo.

— Fazê-los mudar de ideias parece-me uma façanha impossível — confessou ela, finalmente.

Viu uma emoção momentânea no rosto dele. Enfureceu-se.

— Não pretendia pedir-lhe que tivesse pena de mim.

— Não senti pena.

— Ainda bem — disse ela. *Então, o que seria?*

— Sabe que pode ser firme com eles. — Georgiana podia fazer mais ainda. Os pensamentos dele pareciam paralelos aos seus. — Como sabia quais eram os pretendentes de Lady Mary?

— Todos sabem.

Ele não vacilou.

— Todos os que estiveram atentos à temporada do ano passado.

Georgiana encolheu os ombros.

— Lá porque não venho às festas, não significa que ignore o que ocorre na alta sociedade.

— Penso que sabe muita coisa que ocorre na alta sociedade.

Se ele soubesse...

— Seria estúpido da minha parte tentar regressar à sociedade sem um reconhecimento básico.

— Esse termo está reservado para os conflitos militares.

Georgiana ergueu uma sobrancelha.

— É a temporada de Londres. Pensa que não estou em guerra?

Duncan sorriu ao escutá-la e inclinou a cabeça, mas não lhe permitiu que aligeirasse a conversa e limitou-se a exercer o seu papel de repórter.

— A senhora sabia que as jovens se voltariam contra ela se a pressionasse.

Ela desviou o olhar, pensando em Lady Mary.

— Quando se apresenta a oportunidade, a sociedade é feliz devorando-se a si mesma.

West reprimiu o riso.

Ela semicerrou os olhos para ele.

— Acha divertido?

— Parece-me extraordinário que alguém tão desesperado por regressar às suas fileiras, seja capaz de ver a realidade da sociedade com tanta clareza.

— Quem disse que estou desesperada por regressar às fileiras?

— Não está? — West prestava agora toda a sua atenção.

— É muito bom no seu trabalho — murmurou ela com suspeita. Ele não hesitou.

— Sou o melhor.

Não lhe deveria agradar a arrogância dele, mas agradou.

— Quase lhe dei uma história.

— Já tenho a minha história.

Georgiana não gostou.

— Qual é?

West não respondeu de imediato, mas olhou-a fixamente.

— Pareceu-me que lhe agradava dançar com o Duque de Lamont.

Georgiana não queria que ele pensasse nela junto de Temple. Não queria que tirasse conclusões acerca como conheceria ela um duque, dono de uma casa de jogo.

— Porque é que lhe interessa tanto?

Ele apoiou-se no parapeito de pedra.

— A filha pródiga que regressa ao seio da aristocracia. Como não havia de me interessar?

Ela soltou um risinho abafado

— O bezerro gordo e tudo isso?

— Acabaram-se os bezerros gordos esta temporada. Conformer-se-ia com uns canapés e um copo de limonada morna?

Era a sua vez de sorrir.

— Não vou regressar à aristocracia.

Duncan inclinou-se ao ouvi-la, aproximando-se um pouco mais e envolvendo-a no seu calor. Era um homem extraordinariamente bem-parecido e, noutro tempo, sendo ela outra pessoa, com outra vida, talvez lhe agradasse a aproximação. Imediatamente. Poderia ter cedido à tentação que ele representava.

Parecia-lhe injusto não ter tido essa oportunidade. Ou seria desejo? O insulto de Lady Mary ecoou na sua mente. *Prostituta*. Não podia escapar a essa palavra, por muito falsa que fosse.

Acreditara ter sido amor.

Tivera a certeza de que ele era o seu futuro.

Mas aprendera rapidamente que o amor e a traição andavam de mãos dadas.

E agora... *prostituta*.

Era estranho ter a reputação destruída por uma mentira tão flagrante. Suportar sobre os ombros uma identidade falsa.

Por estranho que parecesse, fazia com que quisesse viver a experiência, só para conhecer o gosto da verdade.

No entanto, para a viver, era obrigada a confiar, e tal não voltaria a acontecer.

— Sei que não regressou por eles — disse ele, em voz baixa e tentadora. — Fê-lo pela Caroline.

Georgiana recuou imediatamente.

— Não pronuncie o nome dela.

Houve um momento em que a fria advertência os envolveu. West olhou-a com atenção e ela fez o possível para parecer jovem. Inocente. Fraca.

— Ela não me diz respeito — garantiu ele, por fim.

— Diz-me a mim. — Caroline era tudo para ela.

— Bem sei. Vi como atacou a pobre Lady Mary por a mencionar.

— Lady Mary tem muito pouco de pobre.

— E ela deveria aprender a não insultar crianças.

— Tal como o senhor? — escapou-lhe sem querer.

Ele inclinou a cabeça.

— Tal como eu.

Georgiana abanou a cabeça.

— A sua desculpa chega muito tarde, caro senhor.

— Só a sua filha a conseguiu trazer de volta a tudo isto. Por si, não precisava de o fazer.

Sentiu o aviso. O que saberia aquele homem?

— Não compreendo.

— Só quero dizer que passados tantos anos desse escândalo, tentar redimir-se, só serve para chamar a atenção sobre o que está morto há muito tempo.

Ele entendia o que os outros pareciam ignorar. Os anos decorridos haviam sido, para ela, incrivelmente libertadores uma vez que aceitara a ideia de que nunca teria a vida para a qual fora tão bem preparada. Não eram apenas o espaltilho e as saias que a constrangiam

naquele momento. Era saber que apenas a uns metros, havia centenas de olhares indiscretos que a observavam, julgavam e esperavam que cometesse algum erro.

Centenas de pessoas sem outro propósito senão ver a sua queda.

Mas agora sou mais poderosa que qualquer um deles.

— Sem dúvida — disse ele, de novo —, o seu amor por ela convertê-la-á na heroína do nosso jogo.

— Não se trata de um jogo.

West sorriu com ar entendido.

— Mas claro que se trata de um jogo, milady.

Quanto tempo passara desde a última vez que alguém utilizara aquele tratamento? Quanto tempo sem que o fizessem para a ofender, julgar ou trocar?

Alguma vez isso acontecera?

— E mesmo que fosse um jogo — assentiu ela —, em caso algum seria o *nosso*.

West olhou-a durante algum tempo antes de falar.

— Sabe? Acho que pode ser o nosso. E acho-o fascinante.

Georgiana ignorou o tom de entusiasmo nas palavras dele. Mudou de posição e endireitou os ombros.

— Não consigo imaginar porquê.

West aproximou-se mais e baixou a voz.

— Deveras?

Georgiana susteve-lhe o olhar enquanto aquelas palavras ecoavam dentro dela. West era a resposta. Ele, o homem que dizia à sociedade o que pensar, quando e sobre quem. Ele poderia conseguir que acabasse por ser tentadora para Langley. Poderia fazer com que ela fosse tentadora para qualquer um.

Só Deus sabia como ele era um homem extremamente tentador.

Reprimiu aquele pensamento extraviado e concentrou-se no assunto que a interessava.

Duncan West poderia assegurar-lhe um título e um nome.

Poderia garantir o futuro de Caroline.

Georgiana relacionara-se com aquele homem durante anos num mundo em que se encontravam em igualdade de circunstâncias. Mas agora, na escuridão, enfrentando-o, era ao mesmo tempo uma ameaça e um salvador.

— Nunca ninguém fez o que a senhora está prestes a fazer — comentou ele, finalmente.

— O quê?

West voltou a adotar a sua posição descontraída encostando-se ao parapeito de mármore.

— Regressar dos mortos. Se tiver êxito, venderá uma incrível quantidade de jornais.

— Que mercenário!

— Isso não quer dizer que não lhe deseje êxito de forma sincera.

— Ao fim de algum tempo, West acrescentou, parecendo surpreendido. — De facto, é isso mesmo que desejo.

— Ai sim? — perguntou ela, apesar de dizer para consigo que não o fizesse.

— Sim.

Ele podia ajudá-la a conseguir.

West observou-a atentamente durante muito tempo, mas Georgiana reprimiu o impulso de mudar nervosamente de posição perante o seu olhar.

— Conhecemo-nos de algum lado? — perguntou ele, por fim.

Raios!

Nessa noite não se parecia com Anna. Anna aperaltava-se e maquiava-se, exibia as curvas, apertava o espartilho o mais possível para que os seios parecessem querer escapar do decote. Usava pó-de-arroz pálido, pintava os lábios de vermelho e o cabelo audaciosamente louro, parecendo quase platinado. Georgiana era o oposto: alta e loura, mas sem extravagâncias. Seios de tamanho normal, o cabelo de tom natural. Tal como a pele e os lábios.

Ele era homem e os homens só viam o que queriam ver. Ainda assim, West parecia ver para dentro dela.

— Não creio — respondeu, contendo os pensamentos. Voltou a cabeça para o salão de baile. — Quer dançar?

West abanou a cabeça.

— Tenho assuntos a tratar.

— Aqui? — A pergunta saiu, cheia de curiosidade, antes de se aperceber de que esse assunto nada interessaria à simples Georgiana Pearson.

Ele semicerrou os olhos para considerar a pergunta.

— Aqui... e noutros lados. — Fez uma brevíssima pausa e depois acrescentou: — Tem a certeza de que não nos conhecemos?

Georgiana abanou a cabeça.

— Há muitos anos que não frequento estes círculos.

— Também não me movo neles. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou, mais para si mesmo do que para ela. — Mas iria lembrar-me de si.

Havia tanta sinceridade na sua voz que ela conteve a respiração e olhou-o com os olhos muito abertos.

— Está a cortejar-me?

West abanou a cabeça.

— Não preciso de a cortejar. É a verdade.

Georgiana permitiu-se a um leve sorriso.

— Agora sei que está a cortejar-me. E sem rodeios.

Ele inclinou a cabeça.

— Milady, está a elogiar-me.

— Já basta, senhor — prosseguiu ela, rindo. — Tenho um plano e não inclui jornalistas bem-parecidos.

Ele mostrou os dentes brancos e brilhantes.

— Sou então bem-parecido, não é verdade?

Tocou-lhe a ela elevar uma sobrancelha.

— Estou certa de que possui pelo menos um espelho.

Ele riu-se.

— A senhora não é o que eu esperava.

Se ele soubesse.

— Talvez eu não sirva exatamente para vender os seus jornais.

— De vender jornais encarrego-me eu. — Fez uma pausa. — Concentre-se no seu plano. O plano de cada debutante desde o princípio dos tempos.

Ela não conseguiu conter um riso abafado

— Eu sou lá alguma debutante.

West observou-a por um momento.

— Creio que é mais do que quer admitir. Por acaso não quer ficar sem fôlego a dançar a valsa sob as estrelas com um ou dois pretendentes?

— As valsas que tiram o fôlego só servem para as jovens se meterem em sarilhos.

— Quer um título.

Nisso, West tinha razão. O silêncio mostrou a sua concordância.

West esboçou um meio sorriso.

— Deixemo-nos de rodeios. A senhora não anda à procura de um solteiro qualquer. Estabeleceu uma meta. Ou, pelo menos, o seu pretendente deverá cumprir uma lista de requisitos.

Ela lançou-lhe um olhar interessado.

— Fazer uma lista seria muito mercenário.

— Seria inteligente.

— Mas admita que seria grosseiro.

— Admito que seria honesto.

Porque é que teria ele de ser tão inteligente? Tão rápido? Tão... *adequado*? Não. Resistiu. Ele era apenas um meio para atingir um fim. Nada mais.

Foi West quem quebrou o silêncio.

— Evidentemente, será alguém que precise de dinheiro.

— A finalidade dos dotes é essa, não é verdade?

— E deve possuir um título.

— Deve possuir um título — admitiu ela.

— Que mais deseja a Lady Georgiana Pearson?

Um homem decente.

Ele pareceu ler-lhe o pensamento.

— Alguém que seja bom para a Caroline.

— Não tínhamos combinado que não pronunciaria o nome dela?

— É ela que torna as coisas difíceis.

Georgiana estudara minuciosamente as pastas que guardava no seu escritório d'O Anjo. Eliminara uma dúzia de solteiros. Reduzindo as hipóteses a um único candidato viável; um homem que conhecia o suficiente para saber que seria um bom marido.

Um homem que poderia chantagear, se necessário fosse, para que casasse com ela.

— Não tem uma lista — deduziu West, olhando-a atentamente.

— Já o selecionou-o.

Ele era bom. Muito bom.

— Sim — admitiu.

Devia pôr fim àquela conversa nesse momento. Estava afastada do salão de baile há tempo suficiente para que alguém se apercebesse, e não havia ninguém no terraço. Só aquele homem. E se os descobrissem...

Sentiu o coração acelerado. Se os apanhassem, seria um peso mais a acrescentar à sua manchada reputação. O risco tentava-a, como sempre acontecia. Sabia-o melhor que ninguém. Mas era a primeira vez em muito tempo que o risco vinha acompanhado por uma cara bonita.

A primeira vez em dez anos.

— Quem?

Georgiana não respondeu.

— Descobrirei em breve — assegurou West.

— Provavelmente — concordou ela. — No fim de contas, é o seu trabalho, não é verdade?

— Assim é — confirmou e permaneceu em silêncio por algum tempo, antes de fazer a pergunta que ela queria evitar. — Há outros dotes, Lady Georgiana — disse ele. — Porque é que escolheria ele o seu?

Ela ficou imóvel.

— Não há nenhum tão grande como o meu. — Respondeu com sinceridade. Talvez demasiada. — E nenhuma mulher lhe proporcionará tanta liberdade.

— Liberdade? — perguntou ele erguendo uma sobrancelha dourada.

Georgiana sentiu-se incomodada.

— Não tenho expectativas no que respeita ao casamento.

— Não sonha com que um casamento por conveniência acabe por se converter num casamento de amor?

Georgiana riu-se.

— Não.

— É muito jovem para ser tão cínica.

— Tenho 26 anos e não sou cínica. Sou inteligente. Deixo o amor para os poetas e os imbecis. Não sou nem uma coisa nem outra. O casamento traz consigo liberdade. A mais pura e a mais básica, a melhor do mundo.

— Também traz com ele a sua filha. — As palavras não foram ditas para a irritar, mas fizeram-no e Georgiana ficou hirta. Ele teve a decência de parecer arrependido. — Peço desculpa.

Georgiana abanou a cabeça.

— É a verdade, não é? E o senhor sabe-o melhor que ninguém.

Outra vez uma referência à caricatura.

— Deveria estar contente — continuou ela. — O meu irmão tenta há anos trazer-me de volta para a sociedade. Se soubesse que um ridículo desenho seria tão motivador.

West sorriu, com uma expressão encantadora e juvenil.

— Está a sugerir que não conheço o meu poder.

Ela imitou o sorriso dele.

— Pelo contrário, creio que o conhece bem demais. Só lamento que não tenha outro jornal à mão para reverter o feitiço lançado pela seu *The Scandal Sheet*.

Ele olhou-a nos olhos.

— Tenho outro. — O coração de Georgiana acelerou-se e ela, ainda que estivesse desesperada por falar, manteve-se em silêncio, sabendo que se o deixasse continuar, poderia conseguir o que pretendia.

E ele pensaria que a ideia era sua.

— Tenho mais quatro jornais e sei o que os homens procuram.

— Para além de um bom dote?

— Para além disso. — Ele aproximou-se. — Muito mais.

— Não tenho muito mais. — Pelo menos que ela pudesse admitir.

Viu-o levantar uma mão e conteve a respiração. West ia tocar-lhe. Ele ia tocar-lhe e ela ia gostar.

Mas ele não o fez. Apenas sentiu um leve puxão no toucado e ele mostrou a pluma que sustinha entre os dedos.

— Creio que tem mais do que pode imaginar.

De maneira inexplicável, a fria noite de março tornou-se ardente como o Sol.

— Soa como se me estivesse a oferecer uma aliança.

— Talvez esteja a fazê-lo — disse ele.

Ela semicerrou os olhos.

— Porquê?

— Provavelmente porque me sinto culpado.

Ela riu-se.

— Não imagino por que motivo.

— Talvez não. — West pegou-lhe na mão e ela deixou que lhe esticasse o braço como se fosse uma marioneta. Como se não tivesse controlo sobre si própria. — Para quê preocupar-me com a razão?

West traçou-lhe um breve caminho com a pluma por cima da luva até debaixo da manga, pelo interior do cotovelo. Ela conteve a respiração ao sentir o toque delicado e maravilhoso. Duncan West era um homem perigoso.

Retirou a mão.

— Porque é que deveria confiar em si quando acaba de admitir que só quer vender jornais?

A curva que os seus belos lábios formaram foi uma perversa tentação.

— Não seria melhor saber exatamente com quem está a lidar?

Georgiana sorriu ao ouvi-lo.

— Sem dúvida que nenhuma rapariga teve tanta sorte numa varanda escura.

— A sorte não tem nada a ver com isto. — West deteve-se, antes de continuar. — Não há grandes amores entre a sociedade e eu.

— Adoram-no — constatou ela.

— Adoram a maneira como os entretém.

Georgiana considerou a oferta durante um momento.

— E eu?

O sorriso de West cintilou uma vez mais lançando-lhe no estômago um lago de excitação.

— Uma questão de entretenimento.

— Como me beneficiaria?

— Obterá o marido que deseja. O pai que necessita para a sua filha.

— Dir-lhes-á que me emendei.

— Não vi nenhuma prova do contrário.

— Viu-me provocar uma jovem até que ela me insultasse. Viu-me ameaçar a família dela. Consegui que as amigas a abandonassem. — Georgiana olhou para a escuridão. — Não tenho a certeza de que o que tenho seja desejável.

Duncan esboçou um sorriso cúmplice.

— Vi que se protegia. Que protegia a sua filha. Vi uma leoa.

Não podia ignorar o facto de que ele fora um leão poucos minutos antes.

— Todas as histórias têm duas versões.

West abriu o casaco e guardou a pluma no bolso de dentro antes de voltar a abotoá-lo. Apesar de já não ver a pluma, sentiu que ficara guardada junto ao calor dele, no local do pulsar forte e seguro do seu coração. Apertada contra ele.

Ele era um homem muito perigoso.

Aquele homem poderoso, dono dos jornais mais lidos de Londres, esboçou um sorriso de lobo. O homem que podia enaltecer ou arruinar com as suas publicações. O homem que precisava para acreditar nas suas mentiras. Para as perpetuar.

— Aí está enganada — afirmou ele. As palavras atingiram-na como um pecado. — As histórias que valem a pena ser contadas têm só uma versão.

— E que versão é essa?

— A minha.

«OS LEITORES VÃO FICAR SURPREENDIDOS
COM A REVELAÇÃO DESTE LIVRO
E VÃO APLAUDIR O ARREBATADOR FINAL.»

PUBLISHERS WEEKLY

Durante o dia, Lady Georgiana é conhecida pela aristocracia como a irmã de um duque, rejeitada pela família por ter caído em desgraça com o pior tipo de escândalo possível: ter-se apaixonado por um homem sem título e dele ter tido uma filha. Mas a verdade é muito mais chocante do que isso!

Nos recônditos mais obscuros de Londres, Lady Georgiana é Chase, o misterioso e temido fundador do clube de jogo mais exclusivo da cidade, O Anjo Caído. Circulando disfarçada todas as noites pelo clube, ela conhece os piores segredos das figuras da sociedade e tem-nas na palma da mão. Durante anos a sua dupla identidade nunca foi descoberta... Até agora!

Brilhante, inteligente e irresistível, o jornalista Duncan West está intrigado com esta bela mulher, que descobre estar ligada a um mundo de trevas e pecado. Ele sabe que Georgiana é mais do que aparenta ser e promete descobrir todos os segredos deste «anjo caído», expondo o seu passado, ameaçando o seu presente e pondo em risco tudo o que ela tem de mais valioso. Incluindo o seu coração.

APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8843-49-4



9 789898 843494

Ficção Romântica